

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza
MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
Percurso Histórico
Programa de História Oral na Educação

com

Mario laneta

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: história oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituições: Faculdade de Engenharia Agrícola – UNICAMP / Centro Paula Souza

Projeto original: Tese de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na FEAGRI/UNICAMP sob a orientação da professora Maria Ângela Fagnani.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O professor Adhemar Batista Heméritas, ex-diretor da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, que atuava como um dos gerentes regionais na Superintendência do Centro Paula Souza (Assessoria Técnica da Chefe de Gabinete), intermediou essa entrevista com o ex-diretor Mario Ianeta dessa escola e seu amigo, possibilitando conhecê-lo a fim de entrevistá-lo como colaborador para a minha tese de doutorado na Faculdade de Engenharia Agrícola/UNICAMP. O interesse por uma entrevista com o diretor Mario Ianeta visava identificar o processo de gestão do refeitório escolar, considerando que este espaço oferecia estágio para as alunas do curso de “Auxiliares em Alimentação ou Dietistas”, e realizado sob a supervisão de dietistas e médicos do Departamento de Ensino Profissional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Centro Paula Souza – Praça Cel. Fernando Prestes, 74 – sala 13P (antigo Anfiteatro de Química da Escola Politécnica) – Bom Retiro

Data: 19 de janeiro de 2012

Presente na entrevista: Prof. Adhemar Batista Hemeritas, da Assessoria Técnica da Chefe de Gabinete, a pedido do professor Mario laneta.

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 100 minutos

Número de vídeos: 02

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 30

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em 19 de janeiro de 2012, para um projeto de doutoramento, inicialmente com a intenção de ser sobre história oral temática no campo da alimentação e nutrição. O senhor Mario laneta decidiu dar essa entrevista no Centro Paula Souza, e esta aconteceu no Auditório de Química do Edifício Paula Souza (sala 13P). Nessa entrevista, a entrevistadora percebeu que o professor e diretor Mario laneta tinha interesse em narrar a sua história de vida, contando com o apoio do professor Adhemar Heméritos, seu ex-assistente de direção e amigo pessoal. Assim sendo, a entrevistadora deixou o roteiro de entrevista de história oral temática para outra oportunidade, decidindo ouvi-lo em função da sua trajetória profissional como aluno, professor, assistente de direção e diretor da Escola Técnica Getúlio Vargas, a primeira Escola Profissional Masculina da capital, em São Paulo, criada em 1911. Em 2018, a entrevistadora decidiu difundir essa entrevista de seu projeto de doutorado, no Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013, integrando-a ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), afim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Durante a entrevista o diretor Mario laneta

trouxe algumas fotografias e recortes de jornais, de sua coleção, para fotografar e que apresento na imagem a seguir:





JB. DIRETOR



VISTA PARCIAL



ASSISTÊNCIA DENTÁRIA



AULA PRÁTICA DE TÔRNO



AULA PRÁTICA DE TÔRNO



Transcrição da entrevista

Entrevistado: Professor Mario Ianeta /Etec Getúlio Vargas, em São Paulo

Data da transcrição da entrevista: 11 de abril de 2012

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Vídeo um (50 minutos)

M. laneta: Infelizmente o velhinho aqui esta ruim.

Heméritas: Eu pedi para ela bem falar devagar.

M.laneta: Devagar. E visa o meu rosto.

M. Lucia: Bom dia professor Mario laneta e professor Heméritas.

Heméritas: Bom dia.

M. Lucia: Hoje 19 de janeiro de 2012, eu quero agradecer muito a sua presença aqui, professor Mario laneta. Eu queria lhe informar que estou fazendo uma tese de doutorado sobre o período de 1940 a 1960 no campo da alimentação e nutrição e a sua participação nesse trabalho de pesquisa no campo da educação profissional é muito importante para nós.

M. laneta: Agora eu pergunto como é que a senhora se interessou pelo nome de Mario laneta para estas informações que a senhora precisa? Como foi? Como chegou?

M. Lucia: Primeiro tudo o que se refere à capacitação de professores me interessa, porque eu estou trabalhando nisto há uns dez anos quase, e estudando o livro do Arnaldo Laurindo.

M. laneta: O livro dos 50 anos.

M. Lucia: Isso.

M. Lucia: Eu encontrei muitas informações ao seu respeito.

M. Lucia: O senhor também participou do Departamento do Ensino Profissional, na seção técnica, e naquela época o senhor era responsável por indústria e outros, e teve uma atividade semelhante a minha, o que me interessou. E o senhor também foi aluno do curso de formação de professores, está lá o seu nome, que a professora Neide fez também.

M. Lucia: Isso é uma coisa que me chamou muito atenção. Além do que o senhor foi por muitos anos, também diretor na Getúlio Vargas que é uma escola centenária e muito importante para nós.

M. laneta: Pois não. Eu gostaria de dar a senhora ciência. Como a senhora citou o Departamento do Ensino Técnico, quando eu me formei na Getúlio Vargas, fui trabalhar na Nitroquímica, em São Miguel. Na escola eu estava como presidente do Centro Técnico Industrial e nós mandávamos cartas para as indústrias principais, e uma delas, foi para São Miguel Paulista, que estava a Nitroquímica.

M. laneta: Pois bem, eu mandei a carta, e o diretor da Nitroquímica entrou em contato comigo, dizendo que gostaria de receber dados, com uma

condição: para eu levar documentos referentes à matéria que foi ministrada naquele curso.

M. Lucia: Que ano era?

M. laneta: Eu pertenço à primeira turma de técnicos formada pela escola e começou em 43, e o curso foi até 45. O curso era de três anos, e então eu fui a Nitroquímica, como presidente do grêmio. Eu morava na Penha.

M. laneta: O diretor da Nitroquímica, o engenheiro Dr. Kio, disse ao vivo. Eu levei o caderno, levei a disciplina teórica e alguma coisa mais também. Ele falou: você está empregado? Eu não. Está sim. Você vai trabalhar no gabinete, aqui da escola, e o engenheiro é, ele falou o nome do engenheiro, que agora, bom já vem. Pois bem, eu estava a nove meses trabalhando na Nitroquímica, e o seu Barros, que era diretor da escola Getúlio Vargas, seu Alfredo de Barros Santos.

Hemeritas: Foi diretor da escola de Pindamonhangaba.

M. laneta: Não é de Guaratinguetá.

M. laneta: O seu Alfredo de Barros Santos foi um excelente diretor. Foi aquele que colocou na nossa mente, que podíamos fazer alguma coisa pela escola. Ele sempre trabalhou e uma pessoa; não sei você esta a par desta passagem: uma das vezes que a escola adquiriu, a firma segundo eu soube, chegou para o seu Barros e disse tem dez por cento aqui. Ele disse deduza da nota fiscal os dez por cento, isso ficou famoso. Por que infelizmente até hoje a coisa não acontece assim.

M. Lucia: Depois essa era a época do Ademar de Barros (risos)

M. laneta: Então quando o seu Barros. Não sei se você lembra. Um de cor que tocava violão, o Sr. João. O Sr. João morava na Penha e conhecia a minha família, e o Sr. Barros pediu para esse seu João, dar o seguinte recado: fala para o Mario que eu preciso falar com ele e se ele no próximo sábado ele pode vir até aqui. A Nitroquímica só trabalhava até o sábado, eu estava livre. Eu fui e ele disse: laneta eu gostaria de dar, tem um cargo para você. Eu falei para mim. Eu nunca pedi nada, e não era amigo dele. Mas ele disse: laneta eu tenho muita amizade com o diretor do Departamento, que é o Sr. Arnaldo Laurindo, e lá tem uma vaga para Técnico de Educação, e o técnico de educação era um cargo acima do diretor de escola, era um tipo de inspetor.

M. laneta: Ele falou o seu cargo está no Departamento de Ensino Técnico, como a senhora citou, tinha a seção técnica.

M. Lucia: O Arnaldo Laurindo ele era técnico de educação quando o Horácio da Silveira era superintendente.

M. laneta: Exatamente. Sr. Barros o senhor está dizendo que a vaga é lá no Departamento do Ensino Técnico? E o senhor quer que eu trabalhe? Eu sou muito amigo do Arnaldo Laurindo e ele me deu esse direito. Você invés de trabalhar lá no Departamento, vai trabalhar aqui na Getúlio. Vai ser Auxiliar do seu Barros.

M. laneta: Sr. Barros eu gostaria de saber detalhes. Eu quero saber quanto vai ser? E ele perguntou: quanto você está recebendo na Nitroquímica? 1800. Aqui você vai receber 2600. Eu falei muito boa a notícia. Outra coisa laneta: eu quero que você fique encarregado, crie uma seção técnica na escola. Você chegou a conhecer. Era uma seção que controlava o programa das diversas disciplinas, a gente acompanhava e também dava para os alunos alguma assistência. Entre elas, a escola pagava para os bons alunos, no primeiro ano quatro reais por dia, no segundo quatro a cinco e no terceiro seis. Então os bons alunos passaram a receber diretamente da minha seção, que eu era encarregado. O Sr. Barros me chamou e falou escuta o senhor Bella. Osório Bella era vice-diretor, O Sr. Bella vai se aposentar, e é ele que faz pagamento nas oficinas, de todas as oficinas, de preferência o curso técnico e ou então da parte de cultura, Mestria. Ele fez Mestria lá em Santos. O senhor Bella vai se aposentar. Então eu falei tá bom. Quando o vice-diretor se aposentar, você vai fazer o pagamento. Você consegue fazer o pagamento? Eu disse: eu não vejo dificuldade nenhuma, tendo a relação e quem vai dar é a escola. O aluno da primeira série vai receber quatro.

M. laneta: Está bom. A primeira vez que ele me deu o dinheiro, ele me chamou e falou: laneta, aqui está à caixa, aqui está o dinheiro. Você, por favor, vai com jeito. Por favor, aqui dentro da escola ninguém vai me assaltar. A senhora sabe que eu comecei de manhã, quando foi à tarde, porque era tempo integral, a tarde estava tudo pronto. E ele disse como? Eu falei para o senhor que eu já terminei o pagamento. Ele falou que o Osório Bella ficava dois dias para pagar. Quem sabe era para maior numero de alunos. Eu fiz e está tudo pronto. Então esse foi o primeiro.

M. laneta: Eu fiquei para o Sr. Barros como sendo uma pessoa que ele conhecia e queria me ajudar e eu nunca pedi nada, como eu falei, eu nunca pedi nada. Mas eu tinha feito o pré-politécnico e tinha o ginásio de cinco anos. Infelizmente a nossa escola, o conceito de escola profissionalizante já era uma coisa que, as boas famílias não colocavam os filhos na nossa escola, eu digo nas escolas profissionalizantes. Em são consciência.

Heméritas: Preconceitos.

M Lucia: Até hoje, nós lutamos contra esse preconceito. Por isso que nós estamos agora escrevendo para nós mostrarmos o nosso valor, por que o Brasil precisa de técnicos.

M. laneta: Eu vou citar o meu caso. Como eu tinha o curso pré-politécnico, a minha família não se conformou de jeito nenhum, que eu invés de fazer engenharia eu ia fazer o curso técnico, de nível médio. Você já fez o pré-politécnico. Acontece que eu percebi que eu não tinha tendência nenhuma e

não tenho habilidade manual nenhuma. Eu falei, eu vou fazer o curso técnico para a pessoa vencer. Entre outras coisas ele precisa ter habilidade manual. E eu sou zero a esquerda até hoje.

M. Ianeta: A minha sorte foi que o Departamento criou o Instituto Pedagógico e eu falei agora a minha saída é essa. Eu tenho o curso técnico, tenho o pré-politécnico e vou fazer o Pedagógico. Mas um curso que me levaram na conversa. O Heméritas já sabe de toda a história. Quando foi publicado o Pedagógico e Administração, citou curso superior, e eu falei bom agora vou fazer um curso superior. Então eu fiz dois cursos de grau médio, com o currículo dado pelo Departamento Técnico na ocasião. Infelizmente o conselho deu parecer contrário e tornou sem efeito o item que dizia que o curso era superior ao terminar.

M. Lucia: Porque era um curso de Administração Escolar ou de Supervisão, foi no início da década de 40.

Heméritas: Não, 60. O Instituto Pedagógico é de 60.

M. Lucia: O Instituto Pedagógico ele foi criado em 58. É exatamente, perto de 60. Pode ser que começou a funcionar em 60.

M. Ianeta: Eu pertenço à primeira turma.

Heméritas: Eu fui da segunda turma, só que eu fiz complementação pedagógica.

M. Ianeta: Você pertence à terceira turma. O Alceu um colega nosso.

M. Lucia: A Neide Gaudenci fez também, só que depois ela teve que fazer Pedagogia na FMU.

Heméritas: Eu fiz na Uninove a complementação pedagógica.

M. Lucia: Ela fez para poder ter um diploma superior.

M. Ianeta: A minha sorte como eu falei tornaram sem efeito o curso superior. Eu tive a sorte que quando abriram o concurso para diretor de escola, eu me inscrevi e, eu tinha o título de orientador educacional. Eu fui beneficiado, e o orientador educacional, como chama?

Heméritas: O Catão.

M. Ianeta: O Catão foi o primeiro diretor. Eu fui lá me inscrever, quando eu terminei o curso. Aliás, primeiro ano, eu fui beneficiado, eu e o Lopes Brandão, ele fez o mesmo número de pontos meu. Mas eu consegui, e só tinha uma vaga, e então eu consegui baseado no curso de Pedagogia, que contava ponto e o Lopes não tinha feito. Então eu consegui o primeiro e eu falei para alguma coisa valeu.

Hemeritas: Ele foi da minha turma.

M. Ianeta: Ele foi da sua turma, o Lopes Brandão. Será que ele está vivo? Não sabe também. Nunca mais eu ouvi falar nele. Ele tinha um cunhado que trabalhava no Departamento, era técnico em educação. Eu precisei entrar com recurso, por que ele tinha um parente, e tinha uma questão que eu lembro como se fosse hoje, que era a parte elétrica e o exame na prova final, e outra parte, que era de desenho técnico.

M. Lucia: Mas isso para diretor?

M. Ianeta: Para diretor.

M. Lucia: Tinha a parte prática e pedagógica?

M. Ianeta: Era um absurdo.

M. Ianeta: E então falei: como é que esse moço passou na minha frente se o problema era baseado no desenho mecânico e, não levaram em consideração a nota que eu havia tirado na parte elétrica. Desculpe eu falo alto.

M. Lucia: Para a gravação é excelente (risos)

M. Ianeta: Então eu consegui primeiro lugar. Só tinha uma vaga na Getulio e, então eu passei a ser o diretor baseado nestes dados. Agora infelizmente a fama do ensino técnico realmente era abaixo da crítica.

M. Lucia: Mas mesmo na década de 40?

M. Ianeta: Infelizmente na época já havia esse preconceito. As meninas do feminino, elas faziam um movimento que disse assim: eram contra os nossos alunos, que eles usavam o macacão e elas diziam que eles eram os operários. Por que para as oficinas eram obrigados a usar macacão. Essa parte eu acredito que já falei. Vou falar mais outra: eu fui não uma vez, mas umas três ou quatro vezes indicado pelo senhor Arnaldo, pelo Sr. Rosano e pela direção da escola, o Sr. Barros, para dar um parecer, por que saiu uma lei federal para modificar o currículo.

M. Lucia: Que ano isso?

M. Ianeta: Como?

M. Lucia: Que ano?

M. Ianeta: Eu acho que foi em 47, por ali. Por que eu lembro que eu já era formado e eu me formei em 45. Quando eu soube, que o Sr. Barros pediu para eu ir lá, por que o Sr. Arnaldo Laurindo e o seu Rosano dizem que iam conversar comigo. Eu me formei em 45, e quando eu soube que o seu Barros

pediu para eu ir lá, que queria conversar comigo. Aqui tem advogados que faz parte da seção técnica e como você estudou muito. Como presidente do grêmio, eu trabalhei para os alunos nossos e o que aconteceu? Seu Barros disse: laneta, você parece que não concorda com o exame. Eu estava ainda como aluno, veja bem. Eu vou contar uma história que hoje eu tenho vergonha de dizer. Mas eu vou contar: eu como aluno da terceira série, recebi do Bira para tomarmos conhecimento da peça que íamos ter que fazer uma parte de eletrotécnica, era um absurdo esse negócio. Eu fiz ginásio e o programa tanto para ingressar, primeiro para ingressar na escola quase que eu fui reprovado.

M. Lucia: O senhor entrou na escola técnica, antes tinha o ginásio industrial?

M. laneta: Eu fui o primeiro da Getúlio da escola técnica. O que eu estava citando era o seguinte: para ingressar no técnico tinha que fazer exame de seleção. A minha opinião: demonstrando que o pessoal do Departamento não tinha noção das coisas. Por que veja bem para ingressar a prova era português, matemática e desenho. Agora tem essa historia. Era desenho técnico, e no ginásio ninguém tinha. Por que era desenho a mão livre e não o desenho técnico.

Heméritas: Desenho artístico.

M. laneta: Colocaram um motor, a sorte é que me ajudaram, deram a nota mínima para mim, quarenta para eu continuar, quase que eu fui reprovado. Estando acima de todos que estavam lá. Por que eu prestei exame, aqui era a Politécnica.

M. Lucia: Na escola Profissional Feminina tinham dois professores de desenho. Na Carlos de Campos parece que um dos professores ficou meio encostado, a ideia era dar desenho técnico, trigonometria, mas tinham alguns professores que eram mais ligados para o lado artístico, até porque tinha aquela disciplina plástica.

Heméritas: Pintura.

M. Lucia: É como hoje que o professor tem o plano de curso, mas ele acaba dando o que ele quer. Um problema.

M. laneta: Ainda tem mais uma coisa: eu consegui graças com a briga que eu arrumei lá. Eu tenho vergonha de dizer: eu e o Heraldo, e o Heraldo que era meu cunhado. Nós recebemos no final da primeira serie o desenho que era para executar na oficina, e exigia o conhecimento de torno, de plaina, de fresa, e eu nunca tinha visto isto durante o ano inteiro. Quem tinha feito o curso básico de máquinas e instalação elétrica ou de mecânica de maquinas eles tiveram na primeira serie o desenho mecânico. A disciplina, então na primeira série eles deram essa peça, uma peça que tinha ajustagem, tinha torno, tinha plaina e tinha também, outra parte elétrica, motores, fazer ligação de triangulo, e tal uma coisa que não interessa.

M. Lucia: Pode contar que me interessa. Eu sou engenheira agrícola, na minha época, por que eu estou com sessenta anos, o desenho era a disciplina extremamente importante, o desenho técnico, eu entendo perfeitamente o que o senhor está falando.

M. laneta: Mas veja bem. Eu e o meu cunhado nós mandamos fazer a peça fora, numa oficina. Eu não vou pegar no torno e eu vou ser reprovado. Então eu mandei fazer a peça fora, o diretor não soube e ninguém soube. Eu que já era técnico de educação, funcionando na escola, cheguei ao seguinte resultado: na escola um professor de eletrotécnica deu uma parte de elétrica no exame, e o de desenho deu uma parte de desenho mecânico e a senhora sabe o que aconteceu. O professor de oficina só levou em consideração a parte de mecânica. A parte de elétrica não. Eu já era formado, não era aluno, e então peguei e fui lá com o Sr. Barros, eu era presidente do grêmio, e falei: seu Barros Eu disse: eles levaram em consideração apenas a nota de desenho mecânico. O professor, como o professor não entendia de eletrotécnica, ele não deu nota. Eu vim aqui reclamar com o senhor para regularizar isto, por que eu sou presidente do grêmio e vim aqui reclamar disso, vim defender os alunos que foram prejudicados. O Sr. Barros disse: isso não foi feito para todos os alunos? Então se o senhor não vai mudar. Eu vou ao Departamento. Se você vai ao Departamento, vai me prejudicar. Eu estou indo. Eu falei está errado. Eu não vou mudar. Então eu vou para o Departamento. Ele disse laneta, não faça isso. E eu devia obrigação para o Sr. Barros.

M. Lucia: Isso foi em que ano? 1941 ou 1942?

M. laneta: Isso foi em 1944, não em 43.

Hemeritas: Já estava formado.

M. laneta: Por que eu já estava como técnico praticamente formado. O senhor Barros me falou: laneta, por favor, você não vai me prejudicar. Eu falei: eu não vou prejudicar o senhor, não vou falar que o senhor é culpado. Você vai falar que estive conversando comigo? Vou. Eu fui para o Departamento e ao chegar lá: o Sr. Rosano e o Sr. Arnaldo Laurindo me chamaram na sala. Conta o que aconteceu? Eles disseram: manda chamar o Sr. Barros. O Sr. Barros chegou coitado, mais ou menos suando e laneta o que você me fez? Sr. Barros eu pedi ao senhor autorização para vir até aqui, o senhor disse que não ia corrigir. Desculpa, eu vim defender. Ele pega e disse assim para mim: laneta você tem razão, mas isto foi feito para os outros. Os outros que se virem seu Barros. E ele conversando com o Arnaldo Laurindo, o Arnaldo disse: o laneta está certo. Eu estou defendendo os alunos que foram prejudicados, eu não fui prejudicado.

M. Lucia: O que eu acho muito interessante são essas pessoas envolvidas com o movimento social. O senhor era presidente do grêmio e a professora Neide Gaudenci foi diretora do jornal feminino da escola, e são pessoas que se destacaram na profissão.

M. Ianeta: Isso ajudou muito, primeiro os alunos, eu me tornei conhecido pelos colegas, porque não existia um Centro Técnico, existia um centro para o curso básico, do curso técnico, a maneira que nos interessávamos na Getúlio. Os alunos do curso técnico a maioria não digo, mas um bom número tinha feito o ginásio. Era o meu caso, além do ginásio eu tinha mais coisa, e então essa diferença existia. Então formava um Centro Técnico Industrial, para diferenciar do grêmio dos alunos de mestria e do básico. Era uma rivalidade tão grande dentro da escola. Para a senhora ter uma ideia a Semana da Pátria, uma ocasião, é outra coisa que o Sr. Barros podia ter raiva de mim, mas nunca demonstrou. Ele me chamou e disse: Ianeta o técnico na Semana da Pátria: nós vamos ter uma parte de ginástica e vamos ter uma partida de futebol e eu era jogador do técnico e eu falei está bom. Mas antes, eu gostaria que você fizesse o seguinte: a minha ideia era jogar contra a escola técnica de aviação. Eu falei e vou conversar com os colegas, mas eu já sabia disso, eu falei para ele, e para saber a decisão da maioria. Mas nós não vamos desfilar coisa nenhuma, nós vamos jogar futebol, se for com a escola de aviação nós podemos jogar. Eu falei que eu não vou defender essa coisa de desfilar. Eu falei eu fiz a reunião, mas eles disseram que não são crianças.

M. Lucia: Isso era dentro dos projetos dos Bandeirantes?

M. Ianeta: Como era? Eu estou sabendo disso agora.

M. Lucia: Na década de 1937 foi criado o corpo de Bandeirantes.

M. Ianeta: A sim, mas os Bandeirantes, não era no técnico, só o ginásio industrial participava. O seu Rosano era o chefe dos Bandeirantes. Aquilo que eu falei agora pouco. Infelizmente os meus colegas eram muito convencidos. Como se o nosso curso fosse curso superior.

M. Lucia: Mas no fundo era... Muitos dos alunos que entravam na universidade, por que passavam no vestibular, eram do ensino técnico, os alunos da educação profissional era aquela briga com o ensino integrado.

M. Ianeta: Agora sobre a escola eu duvido que, não houve, e nem haverá, uma escola que oferecesse tanto quanto a Getúlio. Primeiro, nós tínhamos o internato, a escola tinha. Em Santos vocês tinham o internato?

Heméritas: Tinha.

M. Ianeta: Tinha também, o aluno para ingressar no internato ele tinha que primeiro ingressar na seleção da escola, e depois classificado, porque nós tínhamos 50 vagas no internato. O deputado Aldo Demarchi, ele foi aluno nosso no curso de Máquinas e Motores, ele era aluno de Rio Claro. Quando ele prestou exame para ingressar na Getúlio, ele foi aprovado, mas não classificado para o internato. Ele chegou para dona Yonne, depois de uma semana que ele estava no internato, ele chegou para a dona Yonne e ele disse: Dona Yonne eu vou deixar a escola. Por quê? Porque meus pais são

pobres e eles não têm condições de me sustentar aqui em São Paulo pagando uma pensão. Por que eu não fui classificado no internato. O que você quer? A senhora não pode resolver? Não, isso quem pode resolver é o diretor. A senhora não pode me levar até lá? Ela dizia que levou o rapaz, a porta fechada, pediu para entrar: pode? Ele entrou junto, contou a história dele. Ela falou laneta e ele pediu: o que o senhor pode falar sobre isso. E eu disse: dona Yonne, a senhora faz a comida exatamente para cinquenta pessoas, não sobra nada ou falta nada? Ela disse: tem dia que falta e tem dia que sobra. Então quando sobrar você tem direito a tomar refeição. Dona Yonne a senhora está autorizada a dar comida para ele, o almoço e o jantar, com essa condição, sobrando.

M. Lucia: Que ano era isso?

M. laneta: 1957 ou 1958. Bom, eu já estava formado e estava trabalhando na escola. O que aconteceu: a dona Yonne, falando isso. Ele disse: mas tem mais uma condição, meu pai não pode pagar uma pensão por que aqui em São Paulo é muito caro, nós somos pobres. Eu falei: o seu pai não pode comprar uma cama portátil? O seu pai não tem nenhum parente para você almoçar? Oh! dona Yonne quando sobrar a senhora de a ele. Ele falou eu vou conversar com o meu pai. E o pai comprou a cama e eu autorizei. Você pode dormir até no corredor, e falei você não pode prejudicar ninguém. Você pode dormir onde você quiser, e ele dormiu uns dois meses no corredor que dava para o internato.

M. Lucia: A professora Yonne era responsável pelo refeitório ou ela tinha outras atividades?

M. laneta: Ela cuidava da escola exageradamente, pessoa que se dedicava aquilo, primeiro, ela me dava a relação do que tinha que ser comprado para a escola, a quantidade e o que tinha que ser comprado. Segundo, nós tínhamos feito pela dona Yonne, e pela orientação educacional, o sobrinho do seu Barros: Oswaldo de Barros Santos. O Oswaldo ele era Técnico do Departamento, e ele submetia os alunos a um teste vocacional. Os alunos da primeira série, e os alunos corriam para a oficina e recebiam um trabalho e o Sr. Oswaldo de Barros tomava parte e ele classificava os alunos, um para mecânica, outro para eletricidade. O Sr. Oswaldo de Barros então às vezes ele era obrigado a brigar com a família, porque infelizmente a maioria queria mecânica e eletricidade. Mas nós tínhamos marcenaria, tínhamos pintura, tínhamos tipografia e encadernação.

M. Lucia: O curso ferroviário, o senhor se lembra do curso ferroviário?

M. laneta: O ferroviário eu me lembro, que eu estava na escola, mas eu era auxiliar do seu Barros, mas o ferroviário não tomou parte. Nós esquecíamos, dele. Ele funcionava dentro da escola, como professores e tudo, mas um tipo como se fosse extra.

M. Lucia: Como fosse uma parceria?

M. laneta: Mas ele não dava direito a coisa nenhuma.

M. laneta: Mas uma coisa que eu achei: demorou ao ensino técnico conseguir alguma coisa mais, por que o curso de mecânica de máquinas, tipografia, encadernação, o curso não era equivalente ao ginásio no começo, o aluno fazia o curso e a lei federal não considerava esse aluno.

M. Lucia: Será que era igual aos nossos cursos de formação inicial?

Heméritas: Curso prático de qualificação.

M. laneta: Nós tínhamos um curso chamado iniciação, continuação e complementar. Isso era de preferência à noite: noções de português, matemática e desenho. Os trabalhos práticos eram para principiantes, e tinha mecânica de automóvel, e desenho mecânico, para esse aluno e quem terminasse a iniciação, aprovado, fazia a continuação, o segundo ano, o terceiro o complementar. Mas infelizmente esse curso não dava direito a coisa nenhuma, só dava certificado.

M. Lucia: Eu mesma fiz na década de 60, desenho arquitetônico, porque eu queria fazer engenharia, queria ver se fazia científico ou clássico, então eu fui, no ginásio fazer desenho arquitetônico.

M. laneta: Uma das coisas também que eu acho que fazia errado: quando se abria uma inscrição para o professor, principalmente de disciplina prática de oficina. Primeiro era difícil para o técnico encontrar por que não existia curso técnico, ainda, formado pelo curso técnico, um elemento formado no curso técnico, e precisava de um professor de máquinas e motores. Onde a gente ia buscar? Não existia, o engenheiro. Agora vem o caso do engenheiro, que eu criei também: então quando abriu concurso para professor, eu estava lá, o Departamento me mandou chamar, porque eu falei que estava errado. Como está errado? A oficina de máquinas, tipografia e encadernação, você tem a possibilidade de pegar além de uma disciplina prática com outro nome. Porque eu vou citar um exemplo e você vai entender bem.

M. laneta: O curso de máquinas e instalações elétricas, básico, e depois veio o curso de eletrotécnica. Eu já era diretor e abrimos uma vaga, porque o professor se aposentou e de oficina, mas não para eletrotécnica, para máquinas. Publicado em jornal. Era um exame e não era um concurso. E colocou no jornal e apareceu um engenheiro. Chegou lá e conversando comigo. Eu sou candidato a essa vaga que o senhor publicou no jornal. O senhor é engenheiro? Sou. Bom para o senhor dar essa aula, o senhor precisa fazer uma prova. Mas ele gritou: eu sou engenheiro. Mas o senhor vai me desculpar, eu estou pedindo para o senhor fazer uma prova de oficina, de torno, de plaina. Eu não conheço. O senhor não conhece, mas porque o senhor vai ser professor de Máquinas e Motores? Mas parte prática precisa desse conhecimento. Mas eu sou engenheiro e não vou me submeter, o senhor está errado. Eu posso estar errado teoricamente, mas na prática o que o senhor vai ensinar para os alunos? Se o senhor nunca trabalhou e

nunca viu uma plaina. O exame vai ser único e o senhor vai ter que provar que tem conhecimento. O senhor vá conversar com os seus superiores por que eu tenho direito. Eu não vou, vá o senhor. Eu não permito a sua inscrição. Ele foi para a inspetoria e o inspetor Sr Joaquim falou: o laneta está errado. Chama o laneta aqui.

M. laneta: Ele falou: o laneta o que está acontecendo? Ele é engenheiro e eu não tenho nada com isso. Sr. Joaquim o senhor vai me desculpar, ele é engenheiro, a parte teórica ele conhece mais do que nós, mas e a parte prática. Ele não quer fazer a prova, e eu não vou aprová-lo. O Sr Joaquim falou você tem razão. Veio um comunicado da Secretaria da Educação, do Departamento antes. O Departamento me mandou chamar e disse que eu estava errado. Eu disse eu provo por lei que estou certo. E esse engenheiro foi na autoridade máxima, lá no palácio, um conhecido dele. Lá fui eu também chamado, e eu mostrei a lei, acontece isso, e eles virão que eu tinha razão. O homem não pode prestar a provinha e nós ficamos um bom tempo sem professor.

M. Lucia: Bom, o senhor iria ficar sem professor de qualquer forma.

M. laneta: E daí o que vai fazer. Se aparecer um professor que tenha conhecimento ele vai fazer a prova. Ele vai ser professor, senão nos vamos passar o caso para o Departamento. Esses casos deram a mim vamos dizer uma popularidade, porque eu fui adquirindo esses conhecimentos, como presidente do grêmio. Eu fui um elemento, junto com o presidente do grêmio do Mackenzie, nós dois nos tornamos uma dupla, que ninguém queria nos ver, porque estava tudo errado. Aconteceu então muita coisa que me deu força.

Fim da gravação do vídeo um.

Vídeo dois (50 minutos)

M. laneta: Tinha lá elementos técnicos do meu nível, só que eu estava na Getúlio. Mas a minha sede era na Getúlio, alias era no Departamento, em exercício na Getúlio.

M. Lucia: O senhor estava exercendo atividades administrativas na área pedagógica.

M. laneta: Eu ia, quando chegava à época dos exames, ao Departamento que preparava as provas. Nós Técnicos em Educação íamos lá aplicar as provas feitas pelo Departamento. Eu então na época dos exames o seu Barros me autorizava, a ir fazer essas visitas, a ir aplicar da forma que o Departamento entendia que devia ser feito. Uma das partes erradas vem agora, e eu tenho um exemplo do Sobral. O Departamento quem estava lá eram advogados e técnicos em educação. Eram advogados ou na parte prática eram quase analfabetos só conheciam a parte prática, não conseguiam nada de química, e no Departamento pediam para a direção dizer quais eram os cargos que

precisavam ser preenchidos. O Departamento até aquela época fazia da seguinte forma: tinha eletrotécnica teoria, tinha desenho elétrico e tinha as outras disciplinas, mas ligadas ao ensino técnico. A senhora sabe que eles abriram o curso para professor de disciplina prática para o técnico. Na parte de Mestría, eles se inscreveram. Eu falei não, na hipótese de não ter um engenheiro, teoria já é diferente, então a gente tinha que lançar mão de Mestría, porque mestría mesmo, não tinha o técnico, porque provisoriamente ele podia dar aula.

M. Lucia: Mestría era um curso de aperfeiçoamento acima do técnico?

Heméritas: Professores

M. laneta: O curso de Mestría substituía às vezes não tinha o técnico, mas o de Mestría, provisoriamente ele podia dar aula, até chegar o elemento mais dentro da lei. Então eu vou dizer o que acontecia, o concurso para professor, concurso de ingresso para professor de eletrotécnica, o curso era eletrotécnica, era desenho elétrico. Cheguei para o seu Sobral: Sobral, você recorra, eles estão precisando de um professor para o básico. Mas do jeito que eles colocaram na publicação, é curso de desenho de eletrotécnica, é para o técnico e não para o industrial, eles vão pagar menos e ele vai ser professor do industrial. Chamado desenho para máquinas e instalações elétricas, e não desenho para eletrotécnica. Ele falou: Mário você garante? Eu terminei em 1945 e ele terminou em 1947, senão me engano. Eu era muito amigo do seu Sobral, a gente jogava futebol, hoje ele é dono das garrafas térmicas Invictus.

M. laneta: João Fernandes Sobral.

Heméritas: Chegou a ser conselheiro aqui.

M. laneta: Ele fez o exame como sendo professor do básico. Saiu a publicação e então eu falei: você entra com recurso porque você tem uma letra a mais no curso técnico. Tem? Tem. Até hoje ele diz que me deve obrigação, eu falei porque quem pode mais, pode menos. Você vai dar porque está faltando professor para instalações elétricas. Você vai dar tanto para o técnico como para o industrial, como para o de Mestría. Até hoje e diz que ele deve a mim, estar ganhando um dinheirinho a mais.

M. Lucia: Existia um plano de carreira naquela época?

M. laneta: Não.

M. Lucia: Por que havia diferenças de salário? Por que hoje a gente tem um plano.

Heméritas: Professor de Cultura geral ganhava mais do que Prática.

M. Lucia: Eu não sabia disso.

M. Ianeta: Para terminar, o nosso professor de oficina, o seu Zanchetta. Ele já faleceu. Era muito meu amigo, mas ele tinha pouco conhecimento de teoria. Ele na parte pratica de transformador tudo, ele era um artista, com a mão ele sabia fazer tudo, de rolamentos de motores, tudo. Mas ele chamava a lei de ohm de VRI, eu fui aluno dele. Ele chamava VRI a primeira lei de ohm, a outra a segunda lei de ohm e eu dizia seu Zabchetta, não é segunda lei de ohms, e eu falava seu Zanchetta, esta lei tem que deduzir, é uma lei só os valores são tirados pela matemática. Ele falou para mim Mario a lei de ohm é uma única VRI e tá acabado. O senhor é o professor, eu vou considerar, mas a lei de ohm é uma única. Porque $V=RI$ e está acabado.

Hemeritas: Teve um episódio interessante da educação básica: o Garcez foi visitar a Julio de Mesquita, e um grupo de professores da Julio de Mesquita apresentou essa reivindicação ao Garcez, para ele, que era governador na época. Nós nos reunimos na diretoria e fizemos essa reivindicação para ele, e ele falou assim, a frase ficou gravada “o que tem precedente não é imoral”, foi a frase do Garcez. É igual isonomia de salário. Foi uma frase do Garcez para professores na Julio de Mesquita.

M. Ianeta: Até o turno de número de horas de trabalho era diferente para o técnico e para a mestría.

M. Lucia: Essa informação é a primeira vez que eu estou tendo, e é muito importante para mim.

Heméritas: Até a vestimenta dos professores era diferente. O professor de português e matemática e professor de oficina. A nossa era mais escura e a dos professores de matemática era branco.

M. Lucia: Eu peguei isso.

M. Ianeta: O ultimo caso: quando o Sr. Zanchetta se aposentou, o Departamento abriu uma vaga para concurso de ajustagem, e ainda faz, mas são poucos que entendem disso, pois a parte pratica ela tem vamos dizer é uma disciplina, Máquinas Operatriz é uma disciplina e Máquinas é outra disciplina e o professor Rubens que faleceu, você chegou a conhecer.

Heméritas: Rubens Soares, pai do Zé Carlos.

M. Ianeta: O Rubens ele quando se aposentou, ele era um enrolador de primeira, enrolador de motor (risos) e abriu o concurso para a parte de oficina, chamando o professor que tinha ajustagem, tinha enrolamento, tinha quatro ou cinco disciplinas, como anteriormente, e nomearam o seu Rubens para dar as cinco disciplinas.

Heméritas: Agora é assim o professor dá todas as disciplinas do curso.

M. Ianeta: Eu acho errado.

M. Lucia: É um problema por um lado, mas por outro lado, o professor se a escola é muito pequena ele não completa a carga horária.

M. laneta: Acontece que eu entendo que ele prejudica o aluno. Porque se o forte dele é enrolar motores, ele só vai dar enrolamentos de motores.

Hemeritas: O conhecimento é muito mais amplo e superficial.

M. laneta: O que acho errado é o que não interessava para nós saber de torno, trabalhar o torno, mas ele conhecia.

Hemeritas: Legalmente hoje é assim, o professor é habilitado para todas.

M. laneta: Aqui entre nós, Hemeritas, eu duvido que tenha uma pessoa, nem você na sua especialidade, que tenha condições, conhecimento para dar aulas.

Hemeritas: O conhecimento é bem superficial e bem amplo (risos).

M. Lucia: Eu participei o ano retrasado de um projeto na área de agricultura e tinha alguns professores e os alunos em uma cidade do interior, só que um período antes eu fiquei estudando os diários de classe dos cursos de agroecologia, e um ano depois um professor disse: sabe que tem professor que dá agronegócio no lugar de agroecologia. O professor, não sabia que eu tinha lido os diários de classe dele, e visto que era ele o professor, e eu não pude falar nada naquele momento. Tem relação com o que o senhor está falando.

Hemeritas: Na Espanha era assim, nós copiamos muito, o que nós fazemos modernamente aqui no Brasil do sistema espanhol.

M. laneta: No meu tempo eles falavam que os currículos estavam sendo feitos copiando os programas italianos.

M. Lucia: E na década de 30 era da Alemanha. Por que eu estou acompanhando o que o Aprígio Gonzaga fazia. (risos)

M. laneta: Eu vou falar uma coisa que é contra mim. Se eu precisar do torno, eu não sei nem montar o torno, e, no entanto, como eu ia bem, na parte teórica, porque no pré-politécnico eu tinha física, e a física naquela época era teoria, mas a prática também. Até hoje manda fazer qualquer coisa de eletrotécnica, e graças a administração, eu não sei mais nada.

M. Lucia: Mas isso acontece com todos nós. Quando eu fui fazer engenharia, era mecânica e essa parte de armazenamento e construções de silos, eram projetos também. Tinha a parte de projetos de Máquinas Agrícolas e Construção Rural e eu tinha mais afinidade com a primeira. Eu fiz os cursos de máquinas, era um horror, porque eu estudava máquinas para passar. Acho que tem estas coisas.

Heméritas: A quantidade de profissões aumentou tanto, que antigamente médico, engenheiro e advogado. Hoje existe uma infinidade e que cada vez mais elas se aproximam. A engenharia de alimentos é bem diferente de nutrição, mas há pontos de convergência tão grandes que os dois ramos de profissionais tem conhecimentos.

M. Ianeta: Tem também outra parte, no ensino do técnico que eles tinham conhecimento eles sabiam trabalhar com plaina. Nós, eu digo eu, quando eu recebia de um professor uma parte de torno ou de plaina, um professor nosso já considerava isso como sabido e então ele dava uma parte que exigia o conhecimento de torno e de plaina. Eu então como presidente do grêmio eu dizia esta errado. Os meus amigos e professores aceitavam. Alguns aceitavam, mas a maioria não. Agora tem outra parte que eu fui indicado pelo Departamento para ir na Secretaria de Educação para resolver problemas do ensino técnico, porque também era uma falha, não tinha um elemento com conhecimento de ensino técnico na secretaria de educação, porque do ensino básico era normal. Quando foi criada a coordenadoria do ensino técnico, o Ubirajara, que hoje está na UTI.

M. Lucia: Que ano foi isso?

M. Ianeta: Acho que foi em 1970. Em 71 acabou. O primeiro coordenador foi chamado Ubirajara Miranda Ramos, o primeiro.

Heméritas: Walter Costa

M. Ianeta: Do ensino técnico o primeiro foi o Ubirajara, foi meu colega. O primeiro foi o Arnaldo Laurindo, eu digo do ensino técnico, o primeiro foi o Bira.

M. Lucia: O Walter Costa substituiu o Arnaldo Laurindo.

M. Ianeta: A Secretaria da Educação achando que tinha uma deficiência no ensino técnico acabou fazendo o seguinte: nomearam um elemento do ensino técnico. Nomeando um elemento para cuidar do ensino técnico e eu na ocasião era diretor do Martin Luther king. Daí eu recebo o Ubirajara, veio de carro do Departamento e ele disse: eu vim aqui fazer um convite a você, eu fui designado e a partir de amanhã eu sou coordenador do ensino técnico.

Heméritas: O secretário da educação era o José Bonifácio Coutinho Nogueira, que morreu no elevador, foi o primeiro coordenador.

M. Ianeta: Bom, vamos ver, o Ubirajara chegou lá e disse eu fui convidado para ser o coordenador do ensino técnico, você vai ser o chefe de gabinete. Na Secretaria da Educação, eu sou João ninguém lá, e eu não gostaria, e ele disse: eu não estou perguntando. Você vai ser o meu chefe de gabinete e eu que vou ser o coordenador. Tá bom. Eu fui colega dele no ensino técnico, e fui colega dele no futebol de salão, e hoje esta na UTI e infelizmente ele esta muito mal. Eu fui com este motorista. Eu procurei o quarto 914 e lá tinha uma

funcionária fazendo a barba dele, e eu palavra de honra e é bem verdade que eu estou com defeito na vista, e eu não cheguei a conhecer. Ela fazendo a barba e eu fiquei lá uns quinze minutos, sentado, e o motorista de repente ele voltou e eu falei: eu estou aqui e não sei. Mas eu acho que é aqui o 914, seu Mario. E eu perguntei para a moça, qual o numero aqui. 914. Como que chama este que você está cuidando? Esse é o Ubirajara. Eu estou esperando aqui pensando que a senhora ia me indicar um outro quarto. Infelizmente ele está sedado, o senhor pode conversar com ele. Ele não sabe o que vai falar, e se ele falar, ele está fazendo aqui um papelão, e ele fala cada palavrão, mas sedado. Ele esta atrapalhando os doentes que estão no corredor. Eu falei não é possível. Eu cheguei para ele e falei Bira sabe quem está falando aqui é o Mario laneta. E ele nada. Falei Bira, Bira, falei diversas vezes, e em uma das vezes, ele falou laneta. Mas com os olhos fechados, sem olhar para mim e nada.

M. Lucia: Quantos anos?

M. laneta: Ele esta na UTI.

Heméritas: Ela perguntou quantos anos ele tem?

M. laneta: Ele tem 84 ou 86. Eu tenho 89, no dia primeiro de maio eu completo 90.

M. Lucia: Ah, eu sei disso. No dia do trabalho a gente não esquece e o senhor nasceu em um ano de mudanças, em 1922. No dia do trabalho é inesquecível. (risos)

M. laneta: Eu realmente vou completar noventa. Mas tem gente que diz: laneta você aparenta mais, me dizem. O que interessa que por enquanto, eu ainda sei o que estou falando. Agora por exemplo, eu liguei para você e não falei a rua e nada. Você me falou a Politécnica, e eu fiz o primeiro ano aqui, o endereço eu não vou precisar, e infelizmente a um tempo atrás eu tive uma doença chamada Emianopsia, me deixou muito preocupado. Porque eu fui fazer um exame de vista e a medica me pediu o mapeamento da retina. Eu fui fazer o mapeamento e levei para ela e ela disse: esta igual a que tinha anteriormente e pediu para eu trocar a lente, que não estão correspondendo, e eu troquei as lentes e fui lá. Ela disse agora está bem. Então eu disse está bem coisa nenhuma, eu não estou enxergando nada. Agora eu não estou enxergando nada. Eu vou falar uma coisa para o senhor, mas o senhor não vai ficar chateado, mas ela disse: cada dia você vai enxergar menos. Quer dizer que eu vou ficar cego. Não vai chegar a tanto, mas que o senhor vai enxergar bem mal vai. O meu sobrinho é medico e disse essa medica não sabe dessa doença. Não tem cura, mas também não progride. Pelo menos é alguma coisa, bom eu acho que a minha idade tem uma influencia. Agora eu fiquei com o carro, o carro é meu, mas o motorista da minha filha, eu não posso dirigir e a minha mulher também não.

M. laneta: Eu estou casado 65 anos.

M. Lucia: Parabéns.

M. laneta: Eu então ontem quando eu perguntei para você, eu achei que para mim não ia ter problema, e infelizmente, quando eu subo no carro, eu me perdi, e puxa vida eu não tenho o telefone do Heméritos lá na Politécnica.

Heméritos: Paula Souza

M. laneta: E então eu falei eu vou fazer o seguinte: vou ligar para casa e de lá eles ligaram para você. Eu sei que eu peço desculpas pela demora, foi ocasionado pela minha cabeça.

M. Lucia: Eu estou preocupada com a hora. Por causa da hora, é hora de almoçar. E como eu trabalho com alimentação e nutrição eu tenho até obrigação de interromper. Vou fazer a transcrição da entrevista e eu vou até a sua casa levar para o senhor e para o professor Heméritos. Por que eu tenho muitas coisas para lhe perguntar.

M. laneta: Eu acho que eu vou diminuir, porque eu tenho um trabalho feito pelo Ubirajara sobre as reminiscências e as coisas que se passaram. Eu trouxe aqui e vou fazer o seguinte: eu vou deixar com a senhora, eu vou deixar com o Heméritos, ou então leva na minha casa que será um prazer.

M. Lucia: Eu escrevo e depois eu entrego para a pessoa.

M. laneta: Isso aqui nas festas da escola eu costumo ler isto aqui.

M. Lucia: Eu sempre soube das suas festas. Eu ficava até com dor de cotovelo quando me falavam.

M. laneta: E porque não foi? É só conversar comigo.

M. Lucia: Mas eu sei da sua história (risos). Essa foto aqui é de que ano professor?

M. laneta: Essa aqui, e infelizmente foi tirada.

Heméritos: Essa foto ai de cima, tem naquela publicação que acompanha o inventário.

M. Lucia: Aquele pequeno é de capa menor.

Heméritos: O que você falou?

M. Lucia: É que ele tem um livro que essa foto está lá (silencio, enquanto separa os documentos). Eu vou tirar uma cópia de tudo isso.

M. laneta: Esse é o hino da escola que os cantamos sempre no inicio da festa e o professor.

M. Lucia: Ah que maravilha. É do Aprígio Gonzaga. Da Carlos de Campos também.

M. laneta: A senhora que disse que é da alimentação?

M. Lucia: Que bom, é um trabalho da professora Yonne.

M. laneta: Aqui olha.

M. Lucia: Tudo que é da educação profissional me interessa, porque eu coordeno projetos de professores nesta área, e se interessa a outro professor, eu vou repassando para os professores.

M. laneta: Eu tenho aqui não sei interessa, no trabalho aqui o Ubirajara citou o Sr. Barros e citou o laneta como colega dele do Centro Técnico, e tem algumas coisas erradas. Agora aqui eu encontrei ontem, um elemento que foi diretor da Getúlio Vargas.

M. Lucia: Isso aqui eu vou colocar tudo no texto da sua entrevista e eu vou aproveitar para colocar estas informações também.

M. laneta: Pode ser que não esteja o nome dele, porque ele foi diretor. Não do Luther King, eu quero dizer da Getúlio.

M. Lucia: O senhor sabe que tem um professor que está estudando a história da Rocha Mendes. Ele apresentou um trabalho no simpósio do centenário. Os alunos da Rocha Mendes continuavam com o emblema da Getulio Vargas e eles chamavam unidade e não queriam mudar de nome, queriam continuar chamando Getúlio Vargas.

M. laneta: Uma coisa que a senhora precisa saber, eu gostaria de ter isso em uma publicação do Diário Oficial e ainda não encontrei e foi o seguinte: em 1962, a direção do Departamento do Ensino Técnico achou por bem, que a escola tinha que sair da Piratininga, porque o prédio precisava de uma reforma. O Departamento achava que essa reforma não podia ser feita com alunos dentro, porque o espaço era muito grande. Então não me consultaram, muita gente pôs a culpa encima do Mario, você sabe por que você estava trabalhando. Ele foi meu auxiliar na organização do trabalho, e eu vi no currículo dele, que ele tinha organização do trabalho e disse você pode lecionar. Ele inteligente como é e era muito estudioso, deixou o laneta, e eu escolhi bem porque escolhi o Heméritas e nós nunca tivemos nada, como diretor. Como diretor a gente sempre tem alguma coisa. Eu não tenho nada contra ele.

M. Lucia: Aquele livro que ele é o autor, seu livro é uma bíblia para mim.

M. laneta: Do Arnaldo Laurindo?

M. Lucia: O do Arnaldo Laurindo quando é da década de 50 e 60. Mas os cursos atuais e da década de 90, eu vou pesquisar no livro do professor Heméritas, que ele organizou, e eu faço consulta. Mesmo com a internet o livro é fundamental e são insubstituíveis porque a gente sabe qual é a fonte.

M. Ianeta: A senhora vai ficar aí, se precisar.

M. Lucia: Eu vou tirar cópias e entregar ainda hoje.

M. Ianeta: Tá bom; pode ser amanhã, depois.

Hemeritas: No Departamento do Ensino Profissional quando ainda existia, ele tinha o ensino agrícola e o ensino profissional.

M. Ianeta: Havia separação do ensino agrícola, tinha um Departamento. Desculpe eu citar novamente o meu caso. Quem era do ensino técnico não tomava conhecimento de quem era do ensino agrícola. E nós tínhamos o Departamento do Ensino Técnico que cuidava não só do ensino técnico e também do ensino básico, depois de 45, no ensino técnico, começaram a aparecer. Eu não lembro de nenhuma escola do interior com ensino técnico. Com curso técnico funcionando.

Hemeritas: Tem na Rua Formosa que cuidava do ensino agrícola também e tinha uma divisão só tem ensino agrícola e tem um japonês que criou o ensino agrícola.

M. Lucia: Ele foi diretor lá em Presidente Prudente, elas foram criadas em 34, as três, depois o ensino agrícola ficou meio estacionado.

Hemeritas: Ele foi diretor de uma escola mais antiga.

M. Lucia: Tinha as três escolas que foram criadas em 1935, Jacareí, São Manuel e Pinhal.

M. Ianeta: Deixa eu falar uma coisa que interessa a senhora.

M. Ianeta: A escola profissional feminina me colocou em uma situação delicada, os professores vieram me procurar lá na Piratininga, por que eles queriam saber a minha opinião. As professoras da feminina na Carlos de Campos tinham um problema com as alunas que frequentavam os cursos, a professora de uma disciplina pratica ele dava cinco notas, e invés dele dar para a disciplina que ele entendia, mas ele dava a disciplina de prática. Então tinha o mesmo erro nosso. Só dava uma nota e saia cinco notas iguais. A diretora da época.

M. Lucia: Dona Laia?

M. Ianeta: Era uma loira?

M. Lucia: A Debble?

M. laneta: A Debble também é conhecida. Teve uma outra.

Heméritas: A Rita?

M.laneta: Não. Uma professora que chegou a ser técnica em educação. O Jati Silva era professor de desenho e era muito meu amigo e aluno nosso. Ele do meu ponto de vista, ele falou tá tudo errado, não pode ele dar só uma disciplina e dar cinco notas. A diretora da época e professoras foram lá na Getúlio Vargas conversar comigo. O senhor está errado.

M. Lucia: Na década de 70?

M. laneta: Antes acho que 68 ou 69, e eu falei desculpe mas vocês estão erradas, baseado na lei federal que eu tenho. Foram na inspetoria, foram até no Palácio, foram nos advogados. Todos foram lá na Getulio e os advogados. Eu não conhecia essa lei. O senhor está certo, e daí a escola mandou para a inspetoria. Eles tiveram uma época que não queriam ouvir o nome do Mario laneta. Eu falei o que eu tenho com isso, eles me procuraram e eu falo o que eu penso.

M. laneta: Agora pouco eu falei o nome de uma pessoa, do professor de desenho e de eletrotécnica.

M. Lucia: Jati

Heméritas: Sobral

M. laneta: O Sobral ele passou a dar também, porque no início não queriam dar as aulas para ele.

M. laneta: Eu esqueci de falar que eu era técnico de educação e prestei o concurso para professor de desenho de eletrotécnica, e eu fui aprovado, e eu devo ter aí o título, o que aconteceu.

M. Lucia: O senhor não se preocupe que eu vou ler e lhe entrevistar muitas vezes.

M. laneta: Eu tinha uma fabrica de giz, eu queria ser técnico de educação e professor de desenho elétrico, e o Departamento deu contra, porque eu ia ser o elemento que iria reprovar ou aprovar, e que eu não podia pular cargo. Poxa vida, eu prestei o concurso para professor, com a intenção de ser professor e eu ia ganhar menos, mas eu tinha a fabrica de giz que também me dava alguma coisa, e eu como técnico de educação, eu sou obrigado a viajar, e eu optei pelo cargo de professor. E eles disseram no Departamento: você vai deixar de ser técnico de educação para ser professor? Um outro elemento não faria o que eu fiz. Mas eu não quero viajar, e a minha fábrica fica sem orientação, eu falei então eu deixo o cargo e pedi demissão de um cargo efetivo.

M. Lucia: Que ano?

M. laneta: Acho que foi 1970 ou 72, mas eu vou dar direito, porque eu tenho o registro de professor baseado no concurso que eu fiz e fiquei em primeiro lugar.

M. Lucia: Eu vou transcrever esta entrevista e nós vamos ter muitas entrevistas, porque realmente tem muitas coisas que eu quero saber, e hoje como foi a nossa primeira entrevista e o senhor falou tanta coisa importante, que eu vou continuar esse trabalho com o senhor, se o senhor me permitir (termino da gravação)

Descritores

Adhemar Batista Heméritas
Alfredo de Barros Santos
Arnaldo Laurindo
Auxiliares em Alimentação
Dietistas
Chefe de gabinete
Cinquentenário do Centro Paula Souza
Colégio Martin Luther King
Coordenadoria de Ensino Técnico
Currículo
Curso técnico de Eletrotécnica
Dalila Ramos
Departamento do Ensino Profissional
Edifício Paula Souza
Edifício Santiago
Escola Getúlio Vargas – unidade Ipiranga
Escola Getúlio Vargas – unidade Vila Prudente
Escola Getúlio Vargas – unidade Tatuapé
Formação profissional e tecnológica
História da Educação Profissional
História Oral na Educação
Maria Lucia Mendes de Carvalho

Mario Ianeta
Memória do trabalho docente
Organização Industrial
Oswaldo de Barros Santos
Polinha
Refeitório escolar
Registro de Entrevista
Ubirajara Miranda Ramos
Técnico em Educação
Yonne Cintra de Souza
Walter Costa

Dados Biográfico do Entrevistado



Mario Ianeta e Adhemar Batista Heméritas, no Auditório de Química do Centro Paula Souza.

Fotografa: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 19 de janeiro de 2012.

Mario Ianeta nasceu em 1922, em São Paulo. Ingressou como aluno no curso de Eletrotécnica da Escola Técnica Getúlio Vargas, de 1943 a 45, quando ingressou como profissional na empresa Nitroquímica. Em 1946, o diretor Alfredo de Barros Santos convida-o para trabalhar na Getúlio Vargas,

atuando nessa escola, mas como Técnico em Educação no setor Técnico e Pedagógico de Industrias Diversas do Departamento de Ensino Profissional, entre 1948 e 1961. Por diversas vezes atuou como vice-diretor ou diretor substituto na Escola Getúlio Vargas. Em 1959 participa da comissão que elaborou o antiprojeto de lei sobre a nova organização do Departamento de Ensino Profissional, aprovado por meio do decreto estadual n. 35.070, de 11 de junho. Mario laneta também participou da comemoração do cinquentenário da educação profissional pública no estado de São Paulo, por meio da comissão de festejos, designada pelo Ato 23 do Secretário, em 24 de junho de 1961. Com a divisão da Escola Getúlio Vargas, em unidades do Ipiranga, a única com curso técnico, e do Tatuapé e da Vila Prudente, onde funcionavam os ginásios industriais, Mario laneta que era diretor das três unidades, em 1964, passou a ser diretor da unidade Tatuapé, posteriormente denominada Escola Técnica Estadual Martin Luther King, e Adhemar Batista Heméritas, ficou como diretor da Escola Técnica Getúlio Vargas. Mario laneta atuou como chefe de gabinete na gestão de Ubirajara Miranda Ramos, que era Coordenador do Ensino Técnico na Secretaria do Estado de São Paulo, em 1971, aposentou-se em fevereiro de 1980.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente.

Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017).

Anexos (documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado